Boletim Operário 355

Caxias do Sul, 18 de setembro de 2015.

Crítica à revolta da Vacina Obrigatória

Não é fácil ver, através das apreciações apaixonadas, o significado verdadeiro dos recentes acontecimentos no Rio.

Travou-se combate nas ruas, levantaram-se barricadas que valentemente resisitiram à fúria policialesca, centenas de mortos e feridos juncaram o solo, e os alunos duma escola militar insubordinaram-se, sob o comando de um General. Gastou-se, enfim, uma boa soma de energia. Para que?

Temos razões para crer na sinceridade, na boa-fé da grande maioria dos rebeldes. Houve talvez entre eles, como aí afirmam, homens movidos pelo simples amor ao motim, vivendo num meio que lhes dá um permanente exemplo de violência e do qual receberam apenas a miséria e a ignorância; homens pagos pelos especuladores políticos, indo à luta exatamente como os seus rivais fardados e armados, às ordens e a soldo dos que, estando em cima, defendem as suas posições: por dinheiro. Mas podemos facilmente admitir que não queriam trepar sobre os outros a maior parte dos que souberam afrontar a morte.

Estaria, porém, por traz deles, personagens cujo empenho seria "salvar a pátria", colocando-se abnegadamente nos altos postos da governança? A intervenção de altas personalidades políticas e militares e de alguns ambiciosos com "popularidade", o pronunciamento chefiado por um general, e o estado dos espíritos, não evoluídos, respondem afirmativamente. Tratava-se provavelmente de proclamar a ditadura, de pôr em cima Pedro em vez de Paulo. Para enganar, apresentou-se um pretexto, fizeram-se promessas naturalmente. Por cima dos bandos em luta, pairavam outros dois, menos numerosos, ambos igualmente desdenhosos da vida alheia: um defendia ferozmente o seu lugar, e para isso vangloriava-se como defensor da ordem e da lei; o outro procurava abocar a presa, e dava como isca uma liberdade a conquistar!

É possível que deste movimento nem tudo resulte perdido. O governo pode mostrar-se mais benigno, por exemplo, na questão da vacina obrigatória. Pode afetar uma certa magnanimidade para "tirar o pretexto" a novas manifestações da rua: todas as concessões forçadas são para tirar o pretexto a perigosos movimentos. Cedamos os nossos direitos feudais para tirar todos pretexto a esses deploráveis excessos – proclamavam generosamente padres e nobres, na noite de 4 de agosto de 1789, isto é, quando já o incêndio dos castelos e outros "excessos" tinham abolido de fato semelhantes direitos, que eles, aliás, procuraram depois reaver. "Tiremos o pretexto aos tumultos deploráveis da Armentiéres, dizia não há muito um deputado francês. E o caso é que sem essas coisas deploráveis, ninguém se lembraria de tirar pretextos....

Quando os poderes constituídos não permitem pela violência o uso de certas liberdades, modo eficaz de conquistá-las ou reconquistar é efetivamente a agitação da praça, ou mesmo, quando há um passado revolucionário, a simples ameaça de insurreição. O governo está acima de todas as liberdades escritas na lei, é permanente a suspensão de garantias, o estado de sítio, quando nos governados não há o freio de uma resistência ativa.

Mas para que perdure uma conquista é necessário ter consciência dela, saber o seu valor, sentir a sua necessidade: saber querer. Do contrário será uma promessa vaga, num sonho vão, uma mentira, ou uma realidade magra e passageira.

Ora nós receamos bem que, mais do que a consciência ou ainda uma intuição do fim a que miravam, guiava os revoltosos o bimbalhar sonoro de discursos e artigos enganadores. Em vez de afirmar, como um fato, o seu direito em frente de todo poder, prestavam os ombros à escalada do mando supremo, queriam substituir os "salvadores" por outros "salvadores", passar a outros a sua confiança! Trabalhar por um novo governo é consolidá-lo, dar-lhe força. Ele poderia, chegado ao poder, cumprir com aparato e ilusão certas promessas sem valor; o seu prestígio aumentaria, e aí! Do povo que tem um governo prestigioso! Está exposto à todos os golpes de Estado, preparado por todas as tiranias, fecha os olhos a tudo. Cada um dos que o ergueram não quer depois confessar o seu engano, quer defender a "sua obra", é surdo e cego; é uma energia morta, um conservador. Não é contra um governo, mas contra todos, sem favorecer nem consolidar nenhum, que devemos lutar; porque o governo é por natureza conservador da ordem das coisas que lhe dá vida, é criador duma classe privilegiada que o mantenha. Curai-vos dos chefes, dizemos nós aos homens; salvai-vos vós mesmos.

Aos ingênuos, aos sinceros do movimento, nós dizemos: queries mudar a forma, deixando intacta a substância; a opinião, o estado dos espíritos cheios de confiança, a educação messiânica do povo, que espera e confia. Monarquia, república, ditadura, tudo vale o mesmo se o povo se deixa governar confiadamente e espera a salvação dada por um messias, se a sua educação política permanece a mesma. Querer entregar a um ditador a salvação de todos é enfocar uma triste mentalidade de crente de uma providência, do carneiro que facilmente é conduzido.

A revolução verdadeira, dando resultados reais, prepara-se nas consciências, isto é, não há revolução sem evolução precedente. E não evolução nas leis, mas nas mentes e nos fatos. Um melhoramento é inaplicável por meio da lei quando não está já nas ideias e na vida; e se está, a lei é então inútil. Que faz um governo? Leis e nada mais. E só pode ensinar o respeito à autoridade, a esperança, o abandono da inciativa. Procura viver; eis tudo.

Não nos dirijamos a chefes, porque eles nada podem! . Preparemos nós mesmos a evolução, procurando firmar com todos os que têm uma liberdade a conquistar, um pacto de solidariedade, de auxílio mútuo, de vantagens comuns e equivalentes.

Não queremos decerto uma simples evolução nas ideias, uma exclusiva propaganda de teorias: onde havíamos de parar? Haveria sempre que aprender, e deste modo nunca teríamos fatos. O fato histórico é produzido pela atividade permanente, pela ação contínua dos indivíduos e dos grupos. O exemplo educa mais do que a palavra. Não basta dizer, é preciso fazer; é preciso realizar, apenas haja força para isso, as transformações de que temos consciência – é só estas, porque a força é neutra, nada realiza de per si e tanto serve para destruir um obstáculo que se opõe à marcha do progresso, como para forjar novas cadeias, levantar novo ídolo sobre as ruínas de uma tirania aniquilada.

A obra do verdadeiro revolucionário, que pretende transformar realmente o meio social, e não apenas mudar as aparências, é, ao lado do professor emancipado, do sábio sincero, do artista, do inventor, do produtor, dirigir-se aos indivíduos, desenvolver o espírito de iniciativa e de solidariedade, destruir a esperança num amo, agir e levar a agir solidariamente, e não para proveito de poucos.

E assim, tendo partido do indivíduo, tendo-se expandido até ganhar força para se tornar fato, a evolução far-se-á revolução, transformando o ambiente, não na forma exterior, mas no seu intimo, nas suas partes, para vantagem de todos, e dando origem a novas evoluções.

O Amigo do Povo
São Paulo, 26 de novembro de 1904.